

A CAMINHADA CRISTÃ, AS PRIMEIRAS PERSEGUIÇÕES E O SURGIMENTO DA IGREJA IMPERIAL¹

Alan Kardec Ohnesorge²

Resumo

O presente artigo visa apresentar a história da igreja cristã, descrevendo a partir de uma análise bibliográfica as perseguições referentes aos séculos I, II e III d.C., e o surgimento da Igreja imperial no século IV. Busca-se a partir da análise dos textos, descrever a importância da ascensão do Imperador Constantino ao poder, sua influência e contribuição ao cristianismo e a liberdade de culto concedida aos cristãos a partir da assinatura do Edito de Milão. Nesse artigo, destaca-se o período em que a Igreja foi perseguida a partir dos primeiros imperadores do Império Romano, a intolerância ao cristianismo, bem como os benefícios significativamente conquistados pela igreja cristã a partir do Imperador Constantino com a institucionalização da Igreja Imperial.

Palavras-Chave: Igreja no Império; Perseguição; Constantino; Igreja imperial.

Introdução

O objetivo desse artigo é apresentar a história da igreja cristã, propondo uma análise a partir das primeiras perseguições que ocorreram entre os séculos I, II e III d.C., e as consequências da intolerância religiosa por parte do Império Romano, buscando analisar a influência do Imperador Constantino ao cristianismo e o surgimento da Igreja Imperial.

Para Knight e Anglin, “a história da igreja tem sido sempre, desde a era apostólica até o presente, a história da graça divina no meio dos erros dos homens, e qualquer pessoa que examine essa história com atenção, não pode deixar de se convencer que assim é”³.

Nesse sentido, González afirma que “a fé cristã não era algo fácil nem simples, os primeiros cristãos não criam que pertenciam a uma nova religião, mas eles acreditavam que Jesus era o Messias, enquanto os demais judeus, ainda aguardavam o seu advento”⁴.

Quanto a isso Irvin e Sunquist propõem que “alguns dos seguidores de Jesus Cristo, viram nele o cumprimento de suas esperanças messiânicas, quanto a restauração de Israel”⁵, o

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado em forma de artigo como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teologia da Faculdade Unida de Vitória, no ano de 2019, sob a orientação do professor Wanderley Pereira da Rosa.

² Graduando do Curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Unida de Vitória, Espírito Santo.

³ KNIGHT, A; ANGLIN, W. *História do Cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018. p. 7.

⁴ GONZÁLEZ, Justo L. *História Ilustrada do Cristianismo. A era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 38.

que para González caracterizou uma diversidade de pensamento, entre cristãos e Judeus, pois para os cristãos, “o judaísmo não era uma religião rival, mas a mesma, embora os que a seguissem não entendessem que as profecias já haviam se cumprido, mas para os judeus, o cristianismo seria uma seita herética dentro do judaísmo”⁶.

Como observado a partir do pensamento de Dreher, nota-se que “a religião apresentava um quadro multicolor”⁷, pois o cristianismo não era a única religião existente, mas segundo González o seu desenvolvimento foi a partir de “um mundo que já tinha suas próprias religiões, culturas e estruturas políticas e sociais, e, dentro desse contexto, a fé foi abrindo caminhos, mas ao mesmo tempo, foi definindo a si mesma”⁸, portanto, o seu desenvolvimento se daria a partir de uma pluralidade religiosa já existente. Nesse sentido, Hans Kung afirma:

A igreja cristã, ao contrário das religiões pagãs, baseava-se num livro, a Bíblia, livro de profundos mistérios que, com uma seriedade moral imensamente superior à dos mitos dos deuses, desvelava a história da salvação desde os alvos da Criação até o fim dos tempos. Esta nova religião estava centrada na ideia grandiosa da encarnação do Filho de Deus neste mundo corrompido. E, na prática, era sustentada não só pela pregação e a catequese, mas também por mistérios sagrados como o batismo e a Ceia do Senhor, que se afirmavam libertadores, mormente face ao medo angustiante dos demônios, e prometiam a salvação eterna.⁹

Para Wand “em decorrência do crescimento de sua importância, a comunidade cristã começou a sofrer antipatia não apenas da parte dos judeus, mas também dos povos pagãos”¹⁰, por essa razão, mais tarde começariam os conflitos com Roma que segundo Scott “as religiões dessas nações e da Roma Imperial, com exceção dos Judeus, era o paganismo, em suas mais diversas formas”¹¹, contrapondo assim, o cristianismo que era monoteísta e não politeísta.

Para Nichols “os cristãos eram odiados, pois condenavam os costumes e a conduta moral dos pagãos, e a partir de Nero, o governo romano começou a hostilizar o cristianismo, tentando eliminá-lo cruel e vigorosamente”¹².

⁵ IRVIN, Dale T.; SUNQUIST, Scott W. *História do Movimento Cristão Mundial: do Cristianismo Primitivo a 1451*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 44.

⁶ GONZÁLEZ, 2011, p. 38.

⁷ DREHER, Martin N. *A Igreja no Império Romano*. São Leopoldo: Sinodal, 1993. p. 12.

⁸ GONZÁLEZ, Justo L. *Visão Panorâmica da História da Igreja: um roteiro para a série História Ilustrada do Cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 11.

⁹ KUNG, Hans. *O cristianismo, essência e história*. Lisboa: Temas e Debates, 2012. p. 180.

¹⁰ WAND, J. W. C. *História da Igreja Primitiva até o ano 500*. São Paulo: Custon, 2004. p. 29.

¹¹ SCOTT, Benjamin. *As Catacumbas de Roma: o testemunho e o martírio dos primeiros cristãos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. p. 9.

¹² NICHOLS, Robert H. *História da Igreja Cristã*. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 2000. p. 33.

Baseando-se no pensamento de Dreher, pode-se perceber que “cedo ou tarde, o conflito teria que surgir, pois os cristãos se negavam a prestar o culto ao Imperador. Nas traduções vindas até nós, Nero é apontado, como o primeiro a perseguir os cristãos”¹³.

1. Do início das perseguições do Imperador Nero ao século III

Segundo González, “o Imperador Nero, chegou ao poder em outubro de 54 d.C., graças às intrigas de sua mãe Agripina, em seus esforços para assegurar a seu filho a sucessão do trono”¹⁴ então, a partir de Nero as grandes perseguições começariam a vir sobre a igreja cristã. Para González o Imperador Nero “pouco a pouco se deixou levar por seus próprios afãs de grandezas e poder, o que tornou-o desprezado por boa parte do povo, e também pelos poetas e literários”¹⁵.

Com base nas afirmações de Eusébio de Cesaréia, o autor faz uma descrição da tamanha perversidade do Imperador Nero, que não mediu esforços em sua perseguição contra a igreja cristã, não poupando da morte, nem seus amigos mais chegados.

Nero, tendo o governo firmemente estabelecido sob si e, desse modo, lançando-se em projetos nefandos, começou a tomar armas contra a própria religião que reconhece um Deus supremo. Aliás, a descrição da grandeza da perversidade desse homem, não é compatível em nosso objetivo presente; e muitos têm registrado sua história nas mais precisas narrativas, e quem desejar pode admirar por elas sua extraordinária loucura. Sob essa influência, ele não passou a destruir tantos milhares de acordo com algum plano, mas com matança indiscriminada tal, que nem poupava seus amigos mais caros e chegados.¹⁶

As perseguições à igreja cristã estavam iniciando, e Knight e Anglin, atribuem à “Nero o Imperador romano, a primeira das perseguições que ocorreram, durante os três primeiros séculos”¹⁷. Nessa obra, Knight e Anglin afirmam:

A primeira onda de perseguição geral que veio sobre a igreja, fez-se sentir no ano de 64, no reinado do Imperador Nero, que tinha governado já com uma certa tolerância durante nove anos. Neste tempo, o assassinato de sua mãe, e sua indiferença brutal depois de ter praticado aquele crime tão monstruoso, mostrou claramente a sua natural disposição, e indicou ao povo aquilo que havia de esperar dele. Desgraçadamente, as tristes apreensões que muitos tinham a seu respeito, tornaram-se em negra realidade.¹⁸

¹³ DREHER, 1993, p. 51.

¹⁴ GONZÁLEZ, 2011, p. 39.

¹⁵ GONZÁLEZ, 2011, p. 40.

¹⁶ EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p. 75.

¹⁷ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 8.

¹⁸ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 9.

Nesse sentido, Klein em sua obra, *Curso de História da Igreja*, afirma que “no ano de 64, houve um grande incêndio em Roma, e Nero a essa altura, era impopular, e para afastar suspeitas sobre si, acusou os cristãos de serem os responsáveis pelo incêndio”¹⁹.

Baseando-se nos relatos de Knight e Anglin, na obra *História do Cristianismo*, pode-se perceber a intolerância provinda do império sob Nero, pois o grande incêndio em Roma já havia tomado “a grande arena, situada entre os montes Palatino e Aventino e, em pouco tempo, estava ardendo, assim como a maior parte dos edifícios públicos, os monumentos, como também as casas particulares”²⁰, mas “a culpa como sempre acabou recaindo sobre os cristãos, que foram acusados de serem responsáveis pelo incêndio doloso”²¹.

Com suporte na análise de Knight e Anglin, observa-se, que os interesses temporais do Imperador Nero, produzia uma violenta perseguição ao cristianismo, impondo aos cristãos os “mais cruéis castigos, não se sabe quantos sofreram, mas de certo, foram muitos, sendo-lhes aplicadas, todas as torturas que um espírito engenhoso e cruel, podia imaginar, para satisfazer os depravados gostos do imperador”²², executando maus tratos aos cristãos como veremos a seguir:

Alguns foram vestidos com peles de animais ferozes, e perseguidos pelos cães até serem mortos, outros foram crucificados; outros envolvidos em panos alcatroados, e depois incendiados ao pôr do sol, para que pudessem servir de luzes para iluminar a cidade durante a noite. Nero cedia os seus próprios jardins para essas execuções e apresentava, ao mesmo tempo, alguns jogos de circo, presenciando toda a cena vestido de carreiro, indo umas vezes a pé no meio da multidão, outras vendo o espetáculo do seu carro.²³

Quanto ao fim das perseguições do Imperador Nero, González afirma que “no ano 68, boa parte do império se rebelou contra o tirano, e o senado o depôs. Fugitivo e sem ter para onde ir, Nero se suicidou”²⁴.

Cabe lembrar que, parte da fúria provinda do império, caracteriza-se em razão do sistema religioso, se por um lado o cristianismo era monoteísta, para Scott, “o sistema pagão era politeísta”²⁵.

É importante descrever que havia períodos em que as perseguições provenientes do império cessavam, como ocorreu após a morte do Imperador Nero que, de acordo com Knight e Anglin, “a igreja descansou das perseguições, contudo Domiciano (que podia quase levar a

¹⁹ KLEIN, Carlos J. *Curso de História da Igreja*. São Paulo: Fonte Editorial, 2007. p. 36.

²⁰ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 10.

²¹ WAND, 2004, p. 147.

²² KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 11.

²³ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 11.

²⁴ GONZÁLEZ, 2011, p. 42, 43.

²⁵ SCOTT, 2016, p. 10.

palma a Nero, quanto a intolerância e crueldade) subiu ao trono; e durante o seu reinado, rebentou a perseguição geral”²⁶.

É possível que, Domiciano tenha sido um dos grandes opressores do cristianismo, conforme nos expõe Eusébio de Cesaréia:

Domiciano, de fato, tendo exercido sua crueldade contra muitos e matado injustamente a não pequeno número de homens nobres e ilustres em Roma e, tendo punido sem motivo vastos números de homens honrados com exílio e confisco de suas propriedades, estabeleceu-se por fim como sucessor de Nero em seu ódio e hostilidade contra Deus. Ele foi o segundo a promover perseguição contra nós, ainda que seu pai, Vespasiano, nada tivesse tentado mal, para nos prejudicar.²⁷

Portanto, após Domiciano a igreja passaria um tempo sem sofrer perseguição, como replicado por Knight e Anglin e que a partir de Coccei Nerva, seu sucessor, “por um breve período, após a morte de Domiciano, a Igreja ficou isenta de perseguição durante seu reinado. Coccei Nerva, era um homem de caráter brando, e tratou bem os cristãos”²⁸, mas logo depois, se iniciaria a perseguição do Imperador Trajano.

Quanto à perseguição do Imperador Trajano, Knight e Anglin, relatam os ataques aos cristãos da seguinte forma:

Porém, Trajano, deixou os cristãos tranquilos por algum tempo, mas sendo levado a suspeitar deles, determinou que se renovasse a perseguição, e, sendo possível, que se exterminasse a nova religião, por meios decisivos e severos. Parecia ao seu espírito orgulhoso que o cristianismo era uma ofensa, um insulto para a natureza humana, e que o seu ensino era (como efetivamente era) inteiramente oposto à filosofia dos seus tempos: uma filosofia que elevava os homens a deuses, e tornava a humildade e brandura dos cristãos efeminada e desprezível. Após a morte de Trajano, e o seu sucessor, Adriano, continuou as perseguições. E foi só quando Antônio Pio subiu ao trono, que os cristãos ficaram de alguma maneira aliviados dessa opressão.²⁹

Alicerçado na análise de Dreher, vê-se que para o Imperador Trajano, “os cristãos deveriam ser castigados, pois negavam-se a prestar o sacrifício aos deuses oficiais, e as perseguições muitas vezes se davam pela superstição”³⁰ como o autor deixa registrado em sua obra:

As perseguições tiveram, em geral, caráter local, devendo-se grande parte à superstição do povo; uma epidemia, um terremoto, fome ou enchentes eram razões suficientes para fazer com que houvesse perseguições. As acusações eram

²⁶ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 14.

²⁷ EUSÉBIO DE CESARÉIA, 1999, p. 95.

²⁸ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 19.

²⁹ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 19, 20, 22.

³⁰ DREHER, 1993, p. 53.

apresentadas ao governador, que, mesmo estando convicto de sua inocência, tinha que abrir o processo, caso não quisesse ser visto como favorável aos cristãos. Dessa maneira muitos cristãos perderam as suas vidas durante os governos de Trajano e de seus sucessores. Pessoas ilustres como Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, Justino e muitos bispos foram martirizados naqueles dias. Aos que morreram confessando a fé, a igreja deu o título de mártires.³¹

Semelhantemente após Trajano, a igreja enfrentaria mais uma perseguição. Dessa vez os cristãos conheceriam a fúria do Imperador Marco Aurélio, pois “sob o seu governo, se desabou uma das mais atroz perseguições aos cristãos”.³²

Para Gonzalez “com a subida ao trono de Marco Aurélio, começou uma nova opressão, e no segundo ano do seu reinado, as nuvens da perseguição começaram de novo a amontoar-se”³³, estabelecendo novamente, um assombro para o cristianismo.

Veja como Klein em sua obra, descreve as inúmeras crueldades, provinda do Imperador Marco Aurélio aos cristãos:

Nesse período foram martirizados, entre tantos outros, a viúva Santa Felicidade e seus sete filhos. O apologista São Justino, o Mártir, e seis de seus discípulos, no ano de 163, depois de açoitados, foram decapitados; bem como os mártires de Lion, entre os quais Blandina, torturada de várias maneiras.³⁴

De acordo com Gonzalez, o Imperador Marco Aurélio “foi sem dúvida, uma das mais preclaras luzes do acaso romano, não era um Nero, nem um Domiciano, mas segundo González, ele deflagrou também uma forte perseguição contra os cristãos”³⁵.

Semelhantemente nesse sentido, Wand em sua obra: História da Igreja Primitiva, faz um relato sobre uma dessas perseguições do Imperador Marco Aurélio, a um grupo de cristãos dizendo:

A figura mais heroica do grupo foi uma escrava chamada Blandina, que após ter sido torturada durante um dia inteiro, demonstrou tanta coragem que seus algozes foram obrigados a confessar que haviam sido derrotados. Posteriormente, junto com o diácono Sancto e mais dois outros companheiros, ela proporcionou um espetáculo na arena, foi presa a uma estaca e exposta às feras, que não tocaram nela. Depois disso, ela foi obrigada a assistir a tortura diária de outros companheiros. Então no último dia, ela foi levada a presença de seu irmão Pôntico, um rapaz de quinze anos, que foi submetido a uma completa seção de tortura. Finalmente, após ter testemunhado a morte do garoto, foi açoitada, e jogada novamente as feras, e sentada na cadeira de assar, ela foi presa a uma rede, onde acabou morrendo chifrada por um touro. Esse é um exemplo, da maneira em que cerca de cinquenta vítimas encontraram seu fim. Algumas delas, incluindo Potino, o velho bispo de Lion, acabaram morrendo por asfixiamento na prisão. Os corpos daqueles que assim

³¹ DREHER, 1993, p. 53.

³² KLEIN, 2007, p. 39.

³³ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 22.

³⁴ KLEIN, 2007, p. 39.

³⁵ GONZÁLEZ, 2011, p. 52.

pereceram, foram jogados aos cães, para que os cristãos não recolhessem e dessem a eles um enterro decente.³⁶

Para Knight e Anglin, mesmo com as perseguições a pregação do evangelho não parava, mas corajosamente “a mensagem, foi levada para o Ocidente até nas extremidades da Gália e para o Oriente até a Armênia e a Assíria; e milhares, escutaram as palavras da vida, e espontaneamente, tornaram discípulos de Cristo”³⁷.

Apoiado nessa perspectiva cabe propor que, “a felicidade e a coragem que os mártires demonstravam diante da morte, servia para fortalecer e encorajar o compromisso dos outros fiéis, e atraía novos membros para a comunidade”³⁸, o que para Knight e Anglin muitas vezes perturbava o império cada vez mais com ódio ao cristianismo, ao ponto de começarem a lançar os cristãos nas arenas, para serem devorados pelos leões, conforme se encontra relatado na obra, *História do Cristianismo*:

As várias inquietações quase se seguiram uma após outra com espantosa rapidez, e que pareciam, às vezes, perturbar as próprias instituições do Império, forneceram um pretexto fácil para a renovação das perseguições; e logo em seguida o antigo ódio pelos cristãos que havia muito estava guardado nos corações dos ímpios, começou mais uma vez a manifestar-se pelo antigo grito, “Lancem os cristãos aos leões!” Tão terrivelmente familiar aos ouvidos de muitos, e que passou como um sopro pestilento pelo Império Oriental, dando origem a mais uma perseguição.³⁹

Como relatado as perseguições não abalavam a fé dos cristãos, e segundo Knight e Anglin, “a igreja prosperou no meio da perseguição, e a semente do evangelho foi espalhada por uma área cada vez maior, e regada com o sangue dos mártires; o fruto foi cem por cento mesmo com as adversidades”⁴⁰.

González relata em sua obra, que após a morte do Imperador Marco Aurélio no ano 180, Cômodo seria o seu sucessor e logo “após a morte de Cômodo, seguiu um período de guerra civil, e os cristãos desfrutaram de relativa paz, mas em 193, o Imperador Sétimo Severo se apoderou do poder”.⁴¹ Knight e Anglin, relatam as perseguições do Imperador Severo que “ocupava o trono dos Césares”.⁴²

A perseguição que teve princípio no seu reinado não foi excedida em barbaridade por nenhum dos seus sucessores. Durante algum tempo, Severo pareceu estar

³⁶ WAND, 2004, p. 73.

³⁷ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 22.

³⁸ IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 117.

³⁹ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 23.

⁴⁰ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 35.

⁴¹ GONZÁLEZ, 2011, p. 54.

⁴² KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 30.

disposto favoravelmente aos cristãos, e até se diz que atribuiu o restabelecimento duma grave doença que teve às orações de um cristão chamado Proculo. Mas a sua benevolência não durou muito, e no ano de 202 a perseguição rebentou na África com desumana violência. Nem os esforços de Tertuliano que tão eloquentemente apelou para a humanidade do povo, nem os solenes avisos que ele dirigiu ao prefeito da África, serviram para fazer parar a torrente da fúria popular que nesse movimento se desencadeava sobre os cristãos. Foram um após o outro, arrastados à tortura e executados, até que as palavras do grande apologista fossem realizadas: “A vossa crueldade será a nossa glória. Milhares de pessoas de ambos os sexos, e de todas as classes, se hão de apressar a sofrer o martírio, hão de exaurir os vossos fogos, e cansar as vossas espadas. Cartago há de ser dizimada; as principais pessoas da cidade, talvez até mesmo os vossos amigos mais íntimos e os vossos parentes, hão de ser sacrificados. A vossa contenda contra Deus será em vão!”⁴³

Eusébio de Cesaréia afirma que: “Severo quando levantou perseguição contra a igreja, houve martírios ilustres sofridos por combatentes da religião, em todas as partes”.⁴⁴ Igualmente Klein, reitera que “Severo proibiu o proselitismo de cristãos e judeus, tornando ilegal o catecumenato, e que nesse período, houve em Cartago, o martírio de Felicidade, uma escrava, companheira de prisão da nobre Perpétua, que também foi martirizada”⁴⁵, sendo esse um dos mais eloquentes testemunhos de martírio, como relatam Irvin e Sunquist em sua obra:

Um dos mais eloquentes testemunhos de martírio e coragem da igreja primitiva é o de Perpétua e Felicidade, duas mulheres que foram executadas em Cartago, durante a perseguição que irrompeu em 203 sob o imperador Sétimo Severo. Severo ordenara que a violência fosse usada contra os novos convertidos para dissuadir o povo de entrar no movimento. Perpétua estava, entre tais novos fiéis, jovem mãe de um bebê. Felicidade era sua escrava, ela mesmo grávida de oito meses, quando foi presa. Vinham de uma família relativamente abastada, o que tornou sua decisão de entrar na família cristã ainda mais subversiva aos olhos das autoridades romanas, pois, desafiando a autoridade do pai, Perpétua desafia a sociedade romana no seu próprio cerne. Depois de um julgamento, perante um magistrado local, ambas as mulheres, foram condenadas a enfrentar as feras na arena, no dia do aniversário do filho do imperador.⁴⁶

Embora, mesmo com a inúmeras perseguições “a igreja ali ficou, findada sobre a rocha, como obra de Deus e a maravilha dos homens, com aquela eterna promessa que as portas do inferno não prevalecerão contra ela”⁴⁷. Porém, as perseguições não cessavam. Após as perseguições do Imperador Sétimo Severo, a igreja conheceria a fúria do Imperador Maximino, conforme Klein relata em sua obra:

Em (211-217) houve perseguição aos cristãos na África do Norte. Em (235-238) Maximino condenou à morte, no ano de 235, diversos membros do clero, e Décio

⁴³ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 30.

⁴⁴ EUSÉBIO DE CESARÉIA, 1999, p. 201.

⁴⁵ KLEIN, 2007, p. 39, 40.

⁴⁶ IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 117.

⁴⁷ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 35.

(249-251) e Valeriano (253-260) perseguiram os cristãos, uma vez que as fronteiras do império estavam ameaçadas e o imperador quis assegurar-se que todos os cidadãos resistissem, para tal, deveriam sacrificar aos deuses e pedir um certificado. Houve várias deserções no cristianismo, lamentadas pelo bispo Cipriano, de Cartago, como perturbadores da vida da igreja da África. Cipriano, foi martirizado em setembro de 258, sob o imperador Valeriano.⁴⁸

A partir da análise de Knight e Anglin nota-se o ódio do Imperador Maximino contra a igreja cristã, pois segundo esses autores, os cristãos, “foram conduzidos ao lugar de suplício sem serem julgados, e muitas vezes, os seus corpos eram atirados nas covas, uns para cima dos outros, como cães”⁴⁹, mas segundo J. W. C. Wand, “a pior e a mais persistente das perseguições ainda estava por vir”⁵⁰, pois os cristãos conheceriam Diocleciano que para Klein em analogia com o que está registrado em sua obra: “a perseguição dos cristãos recrudescer”:

Diocleciano assumiu o poder no ano de 285, e iniciou uma restauração administrativa. Dividiu o império uma tetrarquia: dois imperadores, Diocleciano e Galério, no Oriente e dois no Ocidente: Maximiano e Constâncio Cloro. A perseguição aos cristãos recrudescer.⁵¹

Na opinião de Gonzalez o Imperador Diocleciano começaria a emitir editos contra os cristãos e, em um de seus editos, “ordenou que todos os edifícios cristãos e os livros sagrados fossem destruídos, e que os crentes fossem privados, de sua dignidade e seus direitos civis”⁵² e de acordo com Knight e Anglin “ainda se encontravam por toda a parte homens e mulheres fiéis à causa do cristianismo, e quanto mais editos o imperador publicava, com mais resplendor brilhavam as luzes que ele em vão procurava apagar”⁵³.

A propósito, Wand em sua obra, ao relatar sobre os editos impostos pelo Imperador Diocleciano, afirma:

Diocleciano publicou um edito. Ordenando que todos os seus líderes fossem queimados, e que seus seguidores fossem decapitados ou enviado as minas. O imperador havia ordenado que as igrejas deveriam ser niveladas com a terra, as escrituras deveriam ser queimadas, e os que pertencessem a uma classe honorável deveriam ser degradados, e os membros da família imperial, caso persistissem na fé cristã, deveriam ser reduzidos a escravidão.⁵⁴

⁴⁸ KLEIN, 2007, p. 40.

⁴⁹ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 34, 35.

⁵⁰ WAND, 2004, p. 121.

⁵¹ KLEIN, 2007, p. 41.

⁵² GONZÁLEZ, 2011, p. 103, 104.

⁵³ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 34, 35.

⁵⁴ WAND, 2004, p. 146, 147.

Para Hastenteufel na obra, *Infância e adolescência da igreja*, os editos impostos pelo Imperador Diocleciano, “mandava encarcerar e acorrentar todos os chefes da igreja, como também, libertar os que aceitassem sacrificar aos ídolos e torturar os que persistam”.⁵⁵

De acordo com Knight e Anglin, na obra *História do Cristianismo*, sugerem que já havia passado mais de duzentos anos de ódio e perseguição contra a igreja, e mesmo assim o número de cristão foi aumentando e “nem os editos do imperador, nem a população irada, nem os agoureiros descontentes, nem os filósofos escarnecedores, conseguiram deter seu desenvolvimento e ainda menos destruí-la”.⁵⁶

Em suma, nesses três primeiros séculos, pode-se verificar a intolerância do império, em relação a igreja cristã, mas a partir do século IV, com o Imperador Constantino e o surgimento da Igreja Imperial, o cristianismo logrou um avanço em termos de legalidade, fato conquistado a partir da assinatura do Edito de Milão (313). A este propósito, Nichols afirma:

Sem dúvida, Constantino sentiu que o cristianismo não podia ser destruído, pois se fortificava cada vez mais. Isso, talvez, o tenha convencido de que o Deus dos cristãos era bastante forte e o tenha feito desejar as orações dos cristãos a fim de alcançar bênçãos para o seu governo. Sem dúvida, percebeu também que, se o cristianismo fosse ajudado e se tornasse bastante forte, seria um poderoso elemento para a unificação de todos do império. Sem dúvida, teve simpatia pessoal pelo cristianismo, mas nunca demonstrou em sua conduta qualquer influência da moral cristã.⁵⁷

2. A conversão de Constantino e o surgimento da Igreja Imperial

A contar do evento da conversão do Imperador Constantino, Litfin pressupõe que o “cristianismo deixou de ser objeto de perseguição imperial, para ser a religião dos próprios imperadores. O Império Romano rapidamente havia se transformado em um império cristão”.⁵⁸ Semelhantemente em cordialidade com esse pensamento, González, pressupõe que a igreja passaria a ser a religião oficial do Império:

Com a conversão de Constantino ao cristianismo, as coisas mudaram radicalmente. A igreja perseguida, passou a ser a igreja tolerada, e não demorou para se tornar a religião oficial do Império Romano. Consequentemente, a igreja, que até então era formada principalmente por pessoas das classes mais baixas da sociedade, foi abrindo espaços entre a aristocracia. A mudança não foi fácil, e houve cristãos que reagiram de muitas maneiras diferentes. Alguns se mostraram tão gratos pela nova

⁵⁵ HASTENTEUFEL, Zeno. *Infância e adolescência da igreja*: Coleção Teologia 3. Porto Alegre: Edipucrs, 1995. p. 32.

⁵⁶ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 35.

⁵⁷ NICHOLS, 2000, p. 54.

⁵⁸ LITFIN, Bryan M. *Conhecendo os Pais da Igreja*: uma introdução evangélica. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 163.

situação, que se lhes tornou difícil adotar uma atitude crítica para com o governo e com a sociedade. Outros fugiram para o deserto ou para locais isolados e dedicaram-se à vida monástica. Alguns simplesmente romperam com a igreja majoritária, insistindo serem eles a igreja verdadeira. Não faltou, tampouco, a reação dos pagãos, que desejavam voltar à velha religião com o relacionamento que antes desfrutavam com o Estado.⁵⁹

Nas palavras de González “o impacto de Constantino foi enorme”⁶⁰, pois “a subida ao trono de Constantino, marcou uma nova era na história da igreja”⁶¹. Nesse sentido, vemos deste modo, a igreja antes perseguida, agora passa a ser, a igreja do Imperador, ou seja, a Igreja Imperial.

Quanto a isso, com base na análise de González em sua obra, pode-se atentar “o impacto da conversão do Imperador Constantino sobre a vida da igreja”⁶², quando o autor procurou descrevê-la da seguinte forma:

Naturalmente, a consequência mais imediata e notável da conversão de Constantino foi o fim das perseguições. Até então, os cristãos viviam em constante temor de uma nova perseguição, mesmo em tempos de relativa paz. Depois da conversão de Constantino, esse temor dissipou-se. Os poucos governantes pagãos que houve depois dele não perseguiram os cristãos, somente tentaram restaurar o paganismo por outros meios.⁶³

Semelhantemente, Hans Kung, em sua obra, o autor afirma que no ano de “313, foi promulgada em Milão uma constituição, que a partir do seu edito, foi garantida a liberdade religiosa em todo o império”⁶⁴, o que para Bryan M. Litfin, o Edito de Milão, proporcionava a liberdade de culto aos cristãos.

O Edito de Milão simboliza a impressionante transição da era de perseguição aos cristãos para a era de apoio imperial a fé. Licínio, no entanto, não permaneceu fiel à sua promessa. Continuou perseguindo os cristãos, quando achava oportuno. Finalmente Constantino, se deu conta de que, seu ex-aliado, teria de ser enfrentado em combate. Em 324 d.C., Constantino o derrotou, tornando-se o governante único do Império Romano, tanto na metade Ocidental quanto na Oriental. E agora, pela primeira vez na história, um Imperador Romano, procurava unificar seu império em torno da religião cristã e não do paganismo.⁶⁵

Portanto, Knight e Anglin afirmam que: “havia chegado, um tempo extraordinário para a igreja. Ela tinha saído do deserto e das prisões. Até nas moedas de Constantino se via o

⁵⁹ GONZÁLEZ, 2001, p. 12, 13.

⁶⁰ GONZÁLEZ, 2011, p. 121.

⁶¹ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 53.

⁶² GONZÁLEZ, 2011, p. 133.

⁶³ GONZÁLEZ, 2011, p. 133.

⁶⁴ KUNG, 2012, p. 179.

⁶⁵ LITFIN, 2015, p. 165.

lábano com a monograma de Cristo levantando-se acima do dragão vencido”⁶⁶. Dreher, remete pressupondo que, “quando Constantino sucedeu seu pai, sua meta era ser o único governante do império. Mas ele sabia, que jamais alcançaria isso, lutando contra a igreja”⁶⁷.

Veja como Irvin e Sunquist descrevem a união da igreja com o império:

Os efeitos da tolerância do imperador e depois o apoio ao cristianismo seriam de logo alcance. Os cristãos, que foram por mais de dois séculos um povo sem pátria, de repente eram uma raça estabelecida. Sua religião era identificada como a fé favorita do imperador, o seu clero pela primeira vez era isento das taxas imperiais. O exército incorporava o símbolo cristão do imperador nos seus escudos, e as moedas imperiais traziam o nome de Cristo. O dia em que os cristãos regularmente se reuniam para celebrar a ressurreição, antes um dia normal de trabalho no mundo romano, tornou-se um dia legal de descanso em todo o império. As propriedades da igreja não estavam mais sujeitas ao confisco imperial sem advertência; ao invés, novas igrejas eram construídas com recursos do império.⁶⁸

Kung em sua obra, dá a entender que “Constantino ao agir assim, ele não se comportava como cristão fervoroso e nem como hipócrita, mas como um homem de Estado integrando audaciosamente o cristianismo na sua política de poder”⁶⁹.

Neste sentido, González sugere que os cristãos estavam, “deslumbrados com o favor que Constantino evidenciava a eles e, não faltaram cristãos, que se empenharam em provar que ele era o eleito de Deus e, sua obra, era a consumação da história da igreja”⁷⁰.

Quanto ao impacto da conversão do Imperador Constantino ao cristianismo, Irvin e Sunquist afirmam:

O clero cristão nas regiões Ocidentais, governadas por Constantino, começaram a receber benefícios especiais do tesouro imperial. O próprio Constantino se dizia um servo de Deus. Todavia, publicamente, ele continuava a misturar a piedade cristã com a devoção à excelsa divindade solar, o Sol Invencível, que se tornara popular com os imperadores do século anterior. Quando ele declarou em 321 que o domingo (dia do sol) seria distinguido como um dia especial de culto, não é claro se era o Sol Invencível ou Jesus Cristo que ele tencionava honrar.⁷¹

Por conseguinte, Wand afirma que “todas as propriedades cristãs confiscadas, foram devolvidas a seus proprietários, fossem propriedades individuais, particulares ou comunitárias”⁷².

⁶⁶ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 54.

⁶⁷ DREHER, 1993, p. 59.

⁶⁸ IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 210.

⁶⁹ KUNG, 2012, p. 179-180.

⁷⁰ GONZÁLEZ, 2011, p. 133.

⁷¹ IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 2008-2009.

⁷² WAND, 2004, p. 150.

Em vista disso, Nichols procurou descrever o conflito existente entre o cristianismo e o império. Para o autor, “antes de Constantino, o cristianismo vivia em conflito com o mundo, mas com ele, o cristianismo passou a dominá-lo”⁷³.

Digno de nota, o autor Wand, ainda declara:

Em 315, a crucificação de escravos foi abolida e, os escravos não deviam ser impedidos de adquirir sua liberdade, quando as condições habituais fossem satisfeitas; e as famílias dos escravos, não deviam se dispersar quando suas propriedades mudassem de mãos. Punições selvagens foram infligidas pela falha na observação da lei moral, e a prática de concubinato foi proibida a homens casados. As crianças começaram a desfrutar de algumas medidas de proteção: elas ainda podiam ser vendidas ao nascer e o abandono não era proibido, no entanto, essa prática foi aliviada de alguns de seus horrores pela declarada disposição do Estado de criar as crianças enjeitadas. A punição dos criminosos havia tornado-se um pouco mais misericordiosa, e foi dado um basta ao costume de marcar o rosto a ferro em brasa e o açoite aos devedores.⁷⁴

Deduz-se deste modo, “a importância da conversão de Constantino e sua contribuição ao culto cristão”⁷⁵. A sua influência ao cristianismo é especialmente significativa, a par disso Nichols destaca que “Constantino revolucionou a posição do cristianismo em todos os aspectos, estabelecendo igualdade de direitos, contribuiu com ofertas valiosas para construção de igrejas, manutenção do clero e isenção de impostos”⁷⁶, possibilitando um rápido desenvolvimento para a igreja, contribuindo para o surgimento de uma igreja vigorosa.

Constantino não só proporcionou paz à igreja; mas, presenteou-a, deu-lhe igualdade em relação a outros cultos e concedeu inúmeros privilégios a seu clero. Ele, que era leigo, que não pertencia a igreja, que até o fim de seu governo foi *pontifex maximus*, sumo sacerdote de todos os cultos romanos, e que foi batizado apenas em seu leito de morte, teve mesmo assim, grande influência sobre a igreja, levando-a inclusive a formular definitivamente sua doutrina. Suas intenções eram políticas. Ele queria fazer da igreja o poder espiritual sobre o qual podia repousar o império. Por seu turno, a igreja, não queria ser uma seita, mas uma instituição que pudesse agir em todo o mundo. Aqui um auxiliou o outro. A essa tentativa de estabelecer um universo cristão, designamos de “Era Constantiniana”. O regime instituído denominamos de “Cristandade”.⁷⁷

Conclusão

A partir de uma análise bibliográfica, constata-se as primeiras perseguições que ocorreram nos primeiros séculos do cristianismo, bem como as contribuições e os benefícios

⁷³ NICHOLS, 2000, p. 54.

⁷⁴ WAND, 2004, p. 156.

⁷⁵ GONZÁLEZ, 1998, p. 34.

⁷⁶ NICHOLS, 2000, p. 54.

⁷⁷ DREHER, 2002, p. 60.

significativamente propostos aos cristãos a partir do Imperador Constantino com o surgimento da Igreja Imperial.

Para Dreher, “Constantino foi um dos grandes revolucionários da história, pois ele pôs fim à Antiguidade. Sua política foi uma revolução, que provocou um desenvolvimento que virá a se completar naquilo que designamos de idade média”⁷⁸. Entretanto, por outro lado, o autor Nichols, alivida “que a nova situação da igreja a partir de Constantino, por um lado foi um bem para ela, e, por outro um grande mal”⁷⁹.

A esse respeito, Nichols pondera que a igreja “se tornaria uma religião eivada de heresias e de inovações, tornando-se a religião oficial do império, resultando na ida das pessoas à igreja, somente por ser a religião apoiada pelo governo”⁸⁰.

Também Wand demonstrou certa preocupação quanto à “facilidade na prática do cristianismo, o que trouxe muitos elementos indignos para dentro da igreja e ajudou a baixar seu padrão”⁸¹. González, procurou descrever que “boa parte da teologia cristã, foi se ajustando às novas condições, abandonando ou transformando alguns dos seus temas tradicionais”⁸².

Encontramos opinião contrária em Litfin que considera positivamente as influências do Imperador Constantino para o cristianismo. O autor destacou que a partir do Imperador Constantino, foram “decretadas leis, para que se guardasse melhor o domingo e, contra a venda de crianças como escravos e, muitas outras leis de caráter tanto social, como moral, como também, a destruição dos ídolos e a exaltação de Cristo”⁸³.

Mediante o exposto, percebemos a influência do Imperador Constantino sobre o cristianismo a partir da proposta de Robert Hastings Nichols, quando o autor procurou descrever esse processo como “um bem para a igreja, e, por outro um grande mal”⁸⁴. A este propósito, Hans Kung afirma que o “paradigma pagano-cristão helenístico da igreja antiga alcançou o reconhecimento político. O laço entre fé e ciência, entre teologia e filosofia, entre igreja e cultura ia conduzir logicamente ao laço entre o cristianismo e o Império”.⁸⁵ Por fim, Irvin e Sunquist concluem, “não haver dúvida que em vida Constantino interessou-se sempre mais em realizar uma revolução cristã dentro do império romano. Se esta revolução pôde um

⁷⁸ DREHER, 2002, p. 66.

⁷⁹ NICHOLS, 2000, p. 55.

⁸⁰ NICHOLS, 2000, p. 55-56.

⁸¹ WAND, 2004, p. 158.

⁸² GONZÁLEZ, 2011, p. 144.

⁸³ KNIGHT; ANGLIN, 2018, p. 58.

⁸⁴ NICHOLS, 2000, p. 55.

⁸⁵ KUNG, 2012, p. 179.

dia realizar-se na história permanece discutível”⁸⁶. Entretanto, de certa forma, a partir de Constantino se iniciou uma nova história na igreja cristã, e mediante o pensamento de Gonzáles a igreja perseguida passou a ser a igreja tolerada.

REFERÊNCIAS

- DREHER, Martin N. *A Igreja no Império Romano*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- GONZÁLEZ, Justo L. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- _____. *Visão Panorâmica da História da Igreja: um roteiro para a série História Ilustrada do Cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- HASTENTEUFEL, Zeno. *Infância e adolescência da igreja: Coleção Teologia 3*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.
- IRVIN, Dale T.; SUNQUIST, Scott W. *História do Movimento Cristão Mundial: do Cristianismo Primitivo a 1451*. São Paulo: Paulus, 2004.
- KLEIN, Carlos J. *Curso de História da Igreja*. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.
- KNIGHT, A; ANGLIN, W. *História do Cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.
- KUNG, Hans. *O cristianismo, essência e história*. Lisboa: Temas e Debates, 2012.
- LITFIN, Bryan M. *Conhecendo os Pais da Igreja: uma introdução evangélica*. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- NICHOLS, Robert H. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2000.
- SCOTT, Benjamin. *As Catacumbas de Roma: o testemunho e o martírio dos primeiros cristãos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.
- WAND, J. W. C. *História da Igreja Primitiva até o ano 500*. São Paulo: Custon, 2004.

⁸⁶ IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 212.